

**Políticas educacionais: da escola
multisseriada à escola nucleada**

**Educational politics: from
multi-grade to nucleated schools**

José Fagundes*
Adair Cesar Martini**

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de transição da escola multisseriada para a escola nucleada, decorrente das políticas educacionais levadas a efeito ao longo da década de 80 no estado de Santa Catarina. Para tanto, resgata a trajetória da escola multisseriada ou unidocente, acompanha o projeto de nucleação, atendendo-se mais especificamente, ao caso do município de Seara-SC. Através de entrevistas são captados os posicionamentos do protagonistas (alunos, pais, professores, ...) e dimensionando o impacto cultural, sofrido pela comunidade, com a extinção das escolas multisseriadas. Por fim, mostra a importância que estas representaram, mormente para o meio rural, e aponta as virtualidades e perspectivas de escola nucleada.

Palavras-chave: Políticas educacionais, escola multisseriada, nucleação, comunidade, impacto cultural

ABSTRACT

This work analyses the transition process from multilevel to graded instruction, resulting from educational policies introduced within the 1990s in the State of Santa Catarina. For this purpose, it retrieves the course of multilevel school, i.e. the one where one single teacher teaches several grades, considering more specifically the case of the city of Seara, in Santa Catarina. By means of interviews, the actors opinions are recorded, those of students, parents, and teachers, and the cultural impact suffered by

* Doutor em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP. Professor da FAFI/União da Vitória e do Mestrado em Educação da FACIPAL/Palmas – PR.

** Mestre em Educação pela FACIPAL. Professor da Faculdade de Sorriso – MT.

the community with the extinction of multilevel schools is measured. Finally, it shows the implications of these schools in the rural area, and points out the benefits and perspectives of grade-specific school.

Key words: Educational policies, multilevel instruction, centralization, community, cultural impact

A década de 90 é marcada por uma política educacional de transformação, pela aglutinação das tradicionais escolas multisseriadas, que predominavam no meio rural, em escolas nucleadas. As escolas multisseriadas, também denominadas unidocentes, funcionavam com um só professor, atendendo, no mesmo espaço e ao mesmo tempo, as quatro primeiras séries do ensino primário. Com a nova política essas escolas foram desativadas e reunidas, num mesmo espaço, sob forma de núcleo, onde cada série passa a ser atendida por um professor, dando origem às escolas nucleadas.

Este trabalho, que é parte de dissertação de mestrado¹, pretende apresentar um breve retrospecto da escola multisseriada e analisar a sua passagem para a escola nucleada, destacando a importância que aquela exerceu nas comunidades rurais e as perspectivas que esta oferece para o desenvolvimento do ensino no Estado de Santa Catarina.

Este estudo circunscreve-se às políticas educacionais do Estado de Santa Catarina, atendo-se, mais especificamente, à análise do processo de nucleação no Município de Seara – SC. Para tanto foram efetivadas, por um lado, uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a legislação pertinente e, por outro lado, uma pesquisa de campo (entrevistas) junto aos protagonistas do processo de nucleação: secretária de educação, professores, pais, alunos e representantes da comunidade do município de Seara.

A TRAJETÓRIA DA ESCOLA MULTISSERIADA

A escola multisseriada foi a grande formadora da população rural, com atuação quase que exclusiva nesse meio, atingindo uma dimensão e uma importância consideráveis na história do ensino catarinense.

A organização da instrução pública em Santa Catarina iniciou-se com a

¹ MARTINI, A. C; FAGUNDES, J. (orientador); DA ESCOLA MULTISSERIADA À ESCOLA NUCLEADA: O IMPACTO CULTURAL E EDUCACIONAL DA EXTINÇÃO DAS ESCOLAS MULTISSERIADAS. Palmas: FACIPAL, 2002.

Lei número 35, de 14 de maio de 1836. Nas escolas de instrução primária, só brasileiros poderiam ser professores. A seleção era feita mediante concurso público, efetuada na sala de sessão da Câmara Municipal da Capital. As escolas primárias chamavam-se Escolas de Primeiras Letras e, nesse ano de 1836, Santa Catarina possuía 18 desses estabelecimentos. Ensina-va-se leitura e escrita, as quatro operações de aritmética, gramática da língua nacional e a doutrina cristã. Em lugares menores, onde faltavam escolas, o ensino era ministrado nas casas. Nas cidades e vilas mais populosas, as escolas eram improvisadas e os próprios alunos ensinavam uns aos outros (Método Lancaster).

Nessa época e nessas escolas o regime de castigos era legalmente utilizado, e os professores tinham a obrigação de aceitar como alunos todos os que se apresentavam para aprender (FIORI, 1991)

Por volta de 1865, era comum encontrar, nos campos de Lages, o professor ensinando as crianças em suas próprias casas. (Professor Itinerante) Esse professor desempenhou um papel extremamente significativo, pois não havendo escolas, sujeitava-se a percorrer vários quilômetros e permanecer vários meses em fazendas, para desenvolver sua função de ensinar.

No ano de 1868, em Santa Catarina ainda não havia a obrigatoriedade do ensino, porém já eram muitos os estabelecimentos que o ofertavam.

Em 1881, as escolas primárias eram

classificadas em três categorias diferentes, com currículos diversificados: Primeira entrância, com clientela de arraiais e outras povoações. Segunda entrância, em cidades ou vilas. Terceira entrância, na capital. A lei Imperial 1144 de 30 de setembro de 1886 estabelece novamente o ensino obrigatório, sete a quinze anos para os meninos, e sete a treze anos às meninas”. (FIORI, 1991: 59)

As escolas públicas primárias do Estado de Santa Catarina cresciam em número e aumentava também a frequência e a matrícula escolar, porém predominava a mentalidade de criar escolas que atendessem à quantidade, não se não priorizando a qualidade do ensino.

Um dos grandes problemas da instrução pública em Santa Catarina dizia respeito à formação da grande maioria dos docentes, os quais, além de serem mal qualificados, não tinham um comprometimento com um ensino de qualidade, fato esse citado pelo Presidente da Província de Santa Catarina, o Marechal Antero Ferreira de Brito, à Assembléia Legislativa de Santa Catarina, no ano de 1844:

“Quisera poder dar elogios merecidos ao professor da escola da capital, mas faltam-me motivos para isso, porque ele esquecido de que não basta ao empregado público a aptidão profissional para ser julgado benemérito, e que lhe é preciso ainda servir de boa vontade, ter a nobre missão de distinguir-se pela utilidade do

seu serviço, e de fazer-se armado ao mesmo tempo em que respeitado no exercício de seu emprego, serve o menos que pode, talvez se tem mostrado desabrido com os alunos, e quase forçado a abrir a aula a alunos menores, tão pouco se ocupou com eles que os pais tiraram seus filhos desta aula. De conformidade com o que está determinado em lei, já principiou esse professor a sofrer algum castigo pela sua negligência, espero que tanto bastará para que se corrija e para que doravante, por seu bom serviço se mostre grato à província que tanto o tem beneficiado”. (FIORI, 1991: 38)

Em 28 de setembro de 1910, quando Vidal Ramos assumiu o governo com o desejo de reformular o ensino em Santa Catarina, contratou o professor paulista Orestes Guimarães, que modelou o ensino segundo o vigente em São Paulo.

Com a reforma educacional do governo Vidal Ramos (Lei nº 846, de 11 de outubro de 1910), coordenada por Orestes Guimarães, foi iniciado um trabalho de base, sendo criado um novo tipo de escola em Santa Catarina, já existente no Estado de São Paulo: o Grupo Escolar. O edifício do grupo escolar abrigava diversas classes de alunos, cada uma delas com seu professor responsável, sob a supervisão de um diretor. Esse tipo de escola vinha substituir a tradicional escola primária, onde não havia seriação do

ensino e o mesmo professor ensinava todos os alunos. A vantagem inovadora do grupo escolar era destacada pelos educadores da época: divisão do trabalho, seriação do ensino e economia de instalações pedagógicas (FIORI, 1991)

As escolas isoladas eram muito numerosas e típicas da zona rural. Nelas, um só professor ensinava, a todos os alunos da escola, no mesmo horário escolar e na mesma sala de aula, malgrado os diferentes níveis de aprendizagem e de escolaridade.

Em 1914, com a continuidade da implantação da reforma, os grupos escolares e as escolas isoladas tiveram um programa por disciplina, seriado, o qual apresentava conteúdos pragmáticos e sugestões de atividades para o professor.

Desde a guerra de 1914, havia no Brasil um crescente desejo por novos modos de pensar e uma inquietação ideológica e política. Sob o impulso de idéias novas, ocorreu entre 1922 e 1928 ocorreu uma série de reorganizações administrativas no ensino primário e normal: no Ceará, em 1923, por Lourenço Filho; no Rio Grande do Norte, em 1925, por José Augusto; na Bahia, em 1928, por Anísio Teixeira (ROMANELLI, 1997)

Após o movimento revolucionário de 1930, a Constituição de 1934 foi uma expressão de vida democrática e instituiu medidas de ordem educacional altamente inovadoras para a época; traçou as diretrizes da educação no país e nos estados, influenciada

pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932.

Na verdade, o que se convencionou chamar revolução de 1930 foi o ponto alto de uma série de revoluções e movimentos armados que, durante o período compreendido entre 1920 e 1964, se empenharam em promover vários movimentos políticos e econômicos com a velha ordem social oligárquica. Foram esses movimentos que, em seu conjunto e pelos objetivos afins que possuíam, iriam caracterizar a revolução brasileira, cuja meta maior tem sido a implantação definitiva do capitalismo no Brasil. Através desses movimentos, sobretudo, através da revolução de 1930, o que se procurou foi um reajustamento constante dos setores novos da sociedade com o setor tradicional, do ponto de vista interno, e, destes dois, com o setor internacional do ponto de vista externo (ROMANELLI, 1997; 47)

Em 1932, Santa Catarina possuía 1501 escolas primárias de ensino fundamental comum, com 77.242 alunos inscritos. Em 1941, o número de escolas eleva-se a 2363 e o de alunos a 137.203, correspondendo a 11,6% da população. Essa taxa confere ao estado o primeiro lugar entre todos as demais unidades federadas, quanto ao número de escolas e de alunos matriculados.

No ano de 1945, o país tomou o rumo da redemocratização política. Em 1946 foram decretados dispositivos legais de ordem federal e Santa

Catarina apressou-se na adaptação do sistema de ensino estadual à Lei Orgânica Federal de ensino primário e normal, num momento de crise política, gerada pela substituição do regime que implantara o Estado Novo, por um regime de volta à normalidade democrática. Esse regime estabelecia regras (Lei Elpídio Barbosa, em SC) para uma renovadora articulação dos sistemas de ensino dos estados, visando propiciar maior eficiência na administração da educação primária e normal.

Em relação ao período do Estado Novo (período ditatorial compreendido entre 1937 e 1945), considera-se importante ressaltar alguns aspectos: a nacionalização do ensino, que consistiu na destruição das iniciativas educacionais comunitárias dos imigrantes e na instituição da obrigatoriedade do ensino na língua portuguesa; a ampliação da oferta educacional também nas zonas rurais, para fazer frente às escolas dos imigrantes e ao crescente êxodo rural, que era superior ao afluxo populacional que as cidades comportavam com possibilidade de emprego; a introdução de uma dualidade no ensino, com a criação de escolas profissionalizantes para a classe trabalhadora, ao lado das escolas preparatórias para o ensino superior; a introdução dos princípios da Escola Nova, que contribuiu para a expansão da oferta educacional, para a mudança de um ensino baseado na memorização de conhecimentos em um ensino baseado na interrelação

pessoal, e para a valorização do aluno enquanto indivíduo (Proposta Curricular de S.C, 1998)

Os grupos escolares constituíam uma preciosa rede de ensino que atingia as longínquas cidades catarinenses e, dessas escolas, esperava-se uma educação mais completa e integral. O Estado mantinha ainda numerosas escolas isoladas e escolas reunidas, especialmente em regiões de baixa densidade demográfica.

No ano de 1940 estavam em funcionamento 1095 escolas isoladas, e dez anos depois já havia 1698 desses estabelecimentos de ensino. Entre os anos de 1940 e 1950 foram criadas, em média, 60 novas escolas isoladas estaduais a cada ano.

No ano de 1971, com a Lei 5692/71 da União, os tradicionais grupos escolares foram transformados nas chamadas escolas básicas e, nesses estabelecimentos de ensino, passou a ser ministrada a educação fundamental, com oito anos de escolaridade, que deveria ser contínua, articulada, obrigatória e gratuita.

Percebe-se a importância das escolas multisseriadas no contexto da educação em Santa Catarina, com um papel determinante e quase que exclusivo na alfabetização do meio rural catarinense. Com certeza, essas escolas podem ser consideradas como o maior órgão alfabetizador da história educacional de Santa Catarina.

As comunidades no interior do estado estavam organizadas em torno de igreja, escola, campo de futebol

e salão de festas, tendo a escola como meio de referência intelectual, e o professor desempenhando papel semelhante ao do “intelectual orgânico”. A relevância da escola multisseriada para as comunidades rurais pode ser verificada, por exemplo, através do depoimento de um dos mais antigos moradores das comunidades onde existiam escolas multisseriadas, hoje escola nucleada, do Município de Seara SC.

“ Eu comecei ir na aula com 11 anos. Fiquei esperando abrir a escola, já bem grandinho, porque não tinha escola aqui perto. Quem construiu o primeiro prédio da escola ali foram os próprios pais e todos eles ajudavam até que construíram esta escola. A professora veio do Rio Grande do Sul. Nós era uma turma de 40 alunos e todos já grandes, bem marmanjos, isso foi em 1948. Antigamente tinha uma Igreja, uma capela ali, agora foi desmanchada. Depois que fechou a escola enfraqueceu a comunidade, uns foram associar em Dois Irmãos, outros em Linha Floresta, uns em Caraíba e agora ali, como eu disse, não tem mais comunidade, porque um pertence aqui e outro ali”.

Percebe-se claramente nesse depoimento, a importância do professor e o valor da escola como meio de instrução na comunidade. Certamente impacto causado com sua extinção, principalmente nos mais velhos, evi-

dencia o sentimento de perda.

As décadas de 80 e 90 são marcadas por um grande êxodo rural, resultado da influência do incentivo dado pelo governo para a implantação de grande número de indústrias, da procura do trabalhador pelo trabalho assalariado, do gradativo abandono do homem do campo que, pela falta de incentivo e desvalorização do seu produto, vende suas terras e vai para a cidade em busca de novas atividades, na esperança de melhorar de vida. Assim, as escolas multisseriadas, que antes recebiam grande número de alunos, ressentem-se de uma constante diminuição de sua clientela. Em meados dos anos 90, a clientela é tão reduzida que algumas escolas são fechadas por falta de alunos. Face a essa situação, que perpassa todo o Estado de Santa Catarina, a SED (Secretaria de Estado da Educação e do Desporto), atendendo ao plano de ação 1995/98, apresentou o projeto de nucleação de escolas, com o objetivo de assegurar ao maior número de crianças o acesso a turmas unisseriadas em escolas-núcleo, através de melhor estrutura física, de melhores condições didático-pedagógicas e de serviços de apoio a estudantes.

O PROJETO DE NUCLEAÇÃO

O Projeto de Nucleação de Escolas encontrou embasamento legal na Lei nº 9394/96 - Lei de Diretrizes e Ba-

ses da Educação Nacional, que contempla, no seu artigo 28, a questão da educação básica para a população rural, e prevê, no artigo 10, inciso II, que os Estados incumbir-se-ão de: “definir, com os municípios, formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, os quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros em cada uma dessas esferas do Poder Público”.

De acordo com o Decreto, nº 2.344, de 21 de outubro de 1997, e o decreto nº 2470, de 12 de dezembro de 1997, em Santa Catarina houve a transferência, da rede estadual para a rede municipal de ensino, de 2.608 Escolas Isoladas, Escolas Reunidas e Grupos Escolares, totalizando 74.137 alunos, em 270 municípios. Cinco municípios não tinham Escolas Isoladas estaduais, e 18 municípios não optaram pela municipalização e nucleação de escolas.

O Decreto nº 2.690, de 09 de março de 1998, transferiu para 32 municípios a execução de atividades de gestão integral, de 40 escolas básicas de 1ª à 8ª séries, totalizando 6.118 alunos; e para seis municípios a execução de tais atividades em escolas básicas de 1ª à 4ª séries (em número de seis), com um total de 739 alunos.

O projeto de nucleação foi implantado para atender as mudanças estruturais da educação estadual, principalmente as relativas à manutenção e desenvolvimento do ensino, que in-

dicam a necessidade de neutralizar discrepâncias, principalmente nas escolas rurais, com a adoção de políticas educacionais compartilhadas. Assim, o projeto de nucleação vem estabelecer procedimentos adequados a uma gestão mais eficaz da educação desenvolvida pelo estado e municípios.

Segundo a SED, o Projeto de nucleação tem como objetivos:

a) oferecer condições objetivas mais propícias a uma prática pedagógica que favoreça o intercâmbio e as interações de experiências e conhecimentos;

b) assegurar o acesso e a permanência dos alunos em turmas unisseriadas, em estabelecimentos da rede pública;

c) possibilitar aos alunos vivenciarem novas experiências, que os levem a estabelecer relações mais amplas com o mundo em que vivem.

Para que o projeto se concretizasse, tornaram-se imprescindíveis algumas ações ao nível de uma política de descentralização do ensino e de reorganização da Unidade Escolar, tais como: diagnosticar a realidade local, considerando os aspectos administrativos e pedagógicos, bem como a distribuição geográfica e determinantes sociais e culturais; definir as Escolas-Núcleo utilizando critérios que viabilizassem o acesso e a permanência do aluno na escola; garantir um espaço físico adequado, material didático suficiente, equipamentos atualizados, transporte escolar segu-

ro, serviços de apoio ao estudante e recursos humanos habilitados, que realizassem uma ação pedagógica efetiva; oportunizar ao professor que atua no núcleo condições para discutir, refletir e aperfeiçoar-se, juntamente com seus pares; possibilitar ao professor organizar sua atividade pedagógica, levando em conta as necessidades de seus alunos, considerando as circunstâncias sociais e estabelecendo, para cada idade, um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente; assegurar o registro, através de atas de reuniões com a comunidade, respaldando a desativação da escola; reduzir, ao menor número possível, as turmas multisseriadas em favor de turmas unisseriadas, para melhoria da qualidade de ensino; assegurar gradativa continuidade de estudos aos alunos em séries mais avançadas do sistema de ensino.

O Projeto de Nucleação devia apresentar, no mínimo, os seguintes requisitos: ofício de encaminhamento ao Secretário de Estado da Educação e do Desporto; objetivos claros do que o projeto pretendia atingir; justificativas que fundamentassem a implantação do projeto de nucleação das escolas; demonstrativo da situação atual, através da anexação do mapa do município com localização de todos os estabelecimentos de ensino; quadro onde constasse relação de todas as unidades escolares envolvidas no projeto, com o número de alunos por série (da pré-escola à

8ª série do ensino fundamental) e relação do pessoal docente e administrativo efetivamente lotado em cada uma delas; demonstrativo da situação que se pretendia atingir pela efetiva implantação da etapa relativa ao projeto, por meio de anexo da localização das unidades escolares a serem nucleadas e gráficos de nucleação; quadros, um para cada núcleo, onde constassem a relação das escolas a serem nucleadas com o respectivo número de alunos por série, o total geral de alunos e o número de turmas a serem constituídas; descrição das necessidades físicas e instrumentais indispensáveis, e a parceria proposta para a implantação do projeto; descrição patrimonial das unidades a serem desativadas pela nucleação; proposta de destinação dos bens patrimoniais das unidades a serem desativadas; projeto político-pedagógico das escolas-núcleo, considerando as justificativas anteriormente apresentadas.

A NUCLEAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SEARA

No momento da implantação do projeto de nucleação no Município de Seara, SC, foram consultados todos os segmentos que compunham a comunidade escolar (pais, alunos, professores, diretores), além do corpo administrativo, pois esse projeto implicava grande mudança para o município e, diante disso, a opinião de

todos foi de fundamental importância. A maior resistência encontrada foi das comunidades que não aceitavam a idéia do fechamento da escola, entidade muito valorizada por eles e de grande significado cultural e histórico.

Foram realizados encontros em todas as comunidades nas quais existiam as escolas multisseriadas, ocasião em que os membros da SME fizeram a seguinte explanação detalhada sobre o novo sistema no município:

A nova legislação e a evolução não comportam mais um modelo de educação com escolas multisseriadas e escolas com número reduzido de alunos. A preocupação com a qualidade do atendimento à clientela escolar sempre esteve presente em todos os estudos e projetos no decorrer do ano. E para que se possa desenvolver um trabalho significativo, as turmas unisseriadas favorecem a qualidade e a socialização.

Fez-se também uma retrospectiva histórica do desenvolvimento da tecnologia, da agricultura e da globalização da economia, para que se compreendesse que as transformações ocorrem nos mais variados setores.

A nucleação escolar foi uma necessidade que teve, entre os principais fatores, melhorar a qualidade do ensino, atender exigências legais e viabilizar financeiramente a Secretaria de Educação. Questões de valores que o município perde em função da criação do FUNDEF foram também

apresentadas aos pais. Exemplos de estados e municípios vizinhos que nuclearam há anos também foram citados. Em Santa Catarina, de forma gradativa, os municípios vêm se adaptando para atender às exigências legais, financeiras e de qualidade. A proposta para a região é transportar os alunos aos núcleos, com atendimento em turmas unisseriadas de 1ª à 4ª séries, com ensino voltado ao meio rural.

Durante as reuniões com a Secretaria de Educação, os pais tomaram decisões diferenciadas, por vezes antagônicas. Por um lado, demonstraram compreensão face às razões da Nucleação; embora sentindo perdas, reconheceram que as vantagens eram maiores quanto à qualidade do atendimento às crianças da região. Por outro lado, manifestaram preocupação quanto à segurança do transporte e apresentaram razões contra o processo de Nucleação:

“Existe um número suficiente de alunos; as dificuldades da primeira série; queremos que nossos filhos estudem até a quarta série em nossa comunidade, por isso não concordamos com o fechamento da escola.”

O sentimento com a perda das escolas nas comunidades talvez tenha sido o maior empecilho à implantação da Nucleação: algumas comunidades não aceitaram o novo sistema e decidiram pela permanência da escola na comunidade; porém no ano seguinte, voltaram atrás em sua decisão, por

perceberem que a mudança era imprescindível para a melhoria do ensino e do futuro de seus filhos.

A Secretaria justificou, então, o trabalho com a formação de núcleos na área rural. Após vários esclarecimentos, os pais manifestaram compreensão e aprovação da proposta feita pela Secretaria de Educação, aceitando a nucleação.

A nucleação escolar constitui-se, praticamente, num projeto obrigatório das Secretarias Municipais de Educação, face ao reduzido fluxo de alunos nas escolas multisseriadas rurais, constatado nas matrículas e sensos escolares. Contribuíram para a redução das matrículas o êxodo rural e o induzido ou voluntário planejamento familiar.

Na implantação do Projeto de Nucleação Escolar, temia-se pela represália da comunidade, que tinha na escola o símbolo máximo de sua identidade. Todavia, as perspectivas de uma considerável melhoria na qualidade do ensino ministrado sensibilizaram a comunidade escolar, o que foi confirmado por sua adesão em ata lavrada especificamente para tal fim.

PERCEÇÃO DOS ENVOLVIDOS QUANTO AO PROGRAMA DE NUCLEAÇÃO

As escolas multisseriadas foram importantíssimas para educação no meio rural de Santa Catarina. Porém, a diminuição da população rural fez com

que diminuísse o número de alunos que frequentavam essas escolas, uma vez que as famílias se deslocavam para o meio urbano. O reduzido número de alunos fez com que as Secretarias de Educação dos Municípios fechassem tais escolas e adotassem o sistema de escolas-núcleo, que atenderia a todos os alunos das comunidades em uma única escola, com um professor para cada série.

Mesmo assim, as comunidades não admitiam a perda da escola, criando grande polêmica quanto à necessidade, à importância e à legalidade do novo sistema adotado.

Durante a realização da pesquisa, desenvolvida nas comunidades onde aconteceu o fechamento das escolas, foi notório, por parte de pessoas que residiam nessas comunidades, o sentimento de perda de uma parte da história da qual as pessoas entrevistadas fizeram parte: muitas dessas pessoas ajudaram a construir a escola, a maioria delas estudou na escola que com a nucleação deixaria de existir.

“Com o fechamento fiquei muito triste, no início os filhos sempre saíam muito cedo, ainda com frio, a gente ficava muito preocupado, agora as estradas melhoraram um pouco. A minha filha tinha que levantar a 5 e 30 da manhã, quando era ainda escuro. A escola fez muita falta para a comunidade” (Pai)

Percebeu-se, também, que as pessoas mais velhas não aceitavam de maneira alguma a extinção da escola,

assim manifestando-se:

“Agora sem a escola na comunidade eu me sinto bem estranho, vendo meus netos, as crianças terem de sair daqui para estudar em outro lugar, a escola no nosso lugar seria muito importante. Agora não tem mais as homenagens, quando era 7 de setembro, Dia das Mães, Dia dos Pais, depois aqui tinha tudo, vídeo, televisão, geladeira, não faltava nada. A escola que meus netos frequentam agora, eu não conheço, nem sei como funciona”. (Morador)

Esse relato saudosista respalda-se no fato de a escola fazer parte da vida daquelas pessoas, que sempre estiveram ligadas à escola. Tal fato constatado também pelo depoimento deste professor:

“A comunidade sentiu muito a perda da escola, e inclusive os mais idosos foram os que mais sentiram a extinção da escola, diminuiu a comunidade deles, ficaram sentidos com a perda, ficaram esquecidos, abandonados. Eles não gostaram”.

Exatamente por serem mais antigas na comunidade, essas pessoas não aceitavam o sistema de nucleação, enquanto que os pais mais novos, cientes das transformações que ocorrem no dia a dia aceitaram o sistema com mais compreensão, entendendo os motivos que levaram ao fechamento da escola. A preocupação com a educação de seus filhos

levou esses pais a não pensarem tanto na comunidade, mas sim nos benefícios que seus filhos teriam futuramente.

“A grande diferença que houve, no meu entender foi que se segurava mais as crianças aqui no interior, agora eles vão na aula na cidade e já vão arrumando emprego por lá; então no fim, fica pouca gente na agricultura. Durante o fechamento fui contra, pois achava que deveria continuar o exemplo de antigamente. Para os meus filhos, eu acho que é melhor agora com a nucleação, pois têm turmas diferentes e aprendem mais e melhor. Quanto à participação na escola, eu participo também agora, mas aqui era muito mais fácil, era bem pertinho, então estava sempre próximo e junto” (Morador)

A Secretária Municipal de Educação destacou, em seu depoimento, que a nucleação foi um grande desafio e que teve, inclusive, que convencer o Prefeito da validade da proposta:

“Nós tivemos resistência inclusive do próprio Prefeito, isso implica questões políticas, ficamos 2 anos elaborando o plano de Nucleação. Chegar numa comunidade e dizer que a escola vai fechar é a mesma coisa que dizer que a Igreja vai fechar. É um desafio muito grande, mas nós fomos felizes pois a escola núcleo começou a valorizar a escola de

onde o aluno vem, existindo agora maior interação entre as comunidades que formam a escola-núcleo”.

É evidente que a comunidade perdeu um importante elo de ligação, de confraternização e de fortes vínculos de amizade, pois a escola, sem dúvida, era a entidade que mais movimentava a comunidade. Todos os dias havia crianças que ali compareciam, estudavam, brincavam e, nas datas comemorativas, eram as crianças que faziam a homenagem, valorizando assim o Dia dos Pais, o Dia das Mães, o 7 de setembro, a Páscoa, o Natal. Hoje isso não mais acontece, o que gera uma sensação de ausência de algo que estava presente e deixa um vazio muito grande nas comunidades onde as escolas foram extintas.

Percebe-se nos depoimentos dos pais, quando indagados sobre as consequências da extinção da escola para comunidade, o descontentamento e a constatação de que a escola influenciou diretamente as atividades comunitárias, como também o desenvolvimento das comunidades.

“O fechamento da escola teve influência na comunidade, antes nós nos reuníamos mais seguidamente, tínhamos reunião, projetos, era pertinho, agora mais longe é difícil; a escola fica mais retirada. Eu sempre fui contra a extinção, ainda mais que esta foi a primeira escola do município, foram feitas várias reuniões, ninguém queria fechar. Como agora

fechou, tem algo faltando na comunidade, embora tivesse poucos alunos todos os pais participavam. Agora tenho consciência de que para aprender é melhor, pois cada professora tem a sua turma, enquanto que as quatro séries juntas era difícil. Sinceramente, foi um choque muito grande até pelo fato da deslocação da piaçada daqui para outros lugares e um monte de dificuldade neste sentido. A extinção da escola com certeza teve influência na comunidade, porque no início ela ficou um pouco abalada, porque deixa uma parte da comunidade que está funcionando, ela deixou de funcionar, ela caiu fora vamos dizer, então com certeza influenciou em parte o desenvolvimento da comunidade.
(Pai)

Os filhos, por sua vez, logo se adaptaram à nova realidade: muitas novidades, colegas novos, escola nova, mais equipamentos, professor para educação física, além das viagens de ônibus que, embora às vezes cansativas, oportunizavam a eles mais tempo para ficar com colegas e trocar idéias. Os depoimentos a seguir evidenciam isso:

“Gosto mais da nova escola, na outra aprendia bem a mesma coisa. Mas aqui gosto de assistir vídeo, que lá não tinha fita, não tinha coisa para assistir.” (Aluno)

“Lá não dava para jogar vôlei, es-

sas coisas aqui dá. Aqui tem biblioteca, lá na outra escola não tinha. Aqui a gente aprende mais do que lá.” (Aluno)

“Gosto mais daqui, é melhor que aqui tem biblioteca, essas coisas. A professora tinha que ser (ela comandava tudo) um pouquinho mais hábil ou ágil, tinha que fazer a merenda para nós. Senti um pouco a dificuldade para me adaptar, mas aqui é bom, pois tem biblioteca, com bastante livros.” (Aluno)

A Secretária de Educação do Município referenda o posicionamento dos alunos, ao destacar:

“Eles estão numa escola estruturada, com professor de educação física, um professor para cada disciplina”.

Esse também é o pensamento de alguns pais, refletido neste depoimento:

“Minha filha está melhor agora porque está estudando ali e aprendendo muito bem. Para mim, com relação aos professores, é a mesma coisa, não posso me queixar dos professores. A escola atual significa que os alunos estão aprendendo bem, eu vejo a minha filha aprender e eu acho que os outros alunos também”. (Pai)

Passado algum tempo, a maioria dos pais, já no primeiro ano, mudaram sua posição diante da nova realidade vivida.

“No começo eu era contra a extinção da escola, só que daí a gente foi ver, com o passar do tempo, que melhorou bastante. No

início a questão do transporte era que eles tinham que ir mais longe para pegar outros do que para chegar na aula, e agora foi mudado o trajeto, daí também ficou fácil, aqui a questão do transporte tá boa. Foi difícil um pouco porque também as festinhas para os alunos foram reduzidas, não foi mais que nem quando era aqui. Eu achava que na nova escola era muito acúmulo de crianças, daí eu achava que pelos nossos ser do interior se misturar com o pessoal da cidade eles ia ficar meio tímidos, meio para trás, só que na verdade não é bem assim. Atualmente ele está muito bem. Com os professores me dou muito bem, com a diretora. Aqui na comunidade agora participamos lá nas festas, e já cedemos o pavilhão para fazer educação física. A gente tá fazendo intercâmbio entre a comunidade e a escola". (Pai)

Os professores que trabalharam nas escolas multisseriadas e que ainda convivem com a comunidade constataram que no início a resistência foi grande por parte dos pais, porém essa resistência foi vencida pelos resultados que vinham acontecendo com as escolas núcleo, e o bom desempenho de seus filhos frente à nova realidade. Essa constatação pode ser observada nos depoimentos a seguir, de professores.

"Na extinção da escola, a comunidade foi contra o fechamento.

Agora até aceita esta mudança, vendo que as crianças têm mais aproveitamento, que o rendimento delas é melhor, têm acesso a mais material do que na escola do interior, por ser mais isolada. Agora eles têm mais comunicação, outros meios da tecnologia que a escola multisseriada não tinha". (Professor)

"Na comunidade, com o fechamento da escola, os pais a princípio não aceitavam o fechamento, mas agora estão contentes". (Professor)

No geral os depoimentos demonstram que, no início, praticamente todos os pais estavam contra a extinção das escolas e a adoção do programa de nucleação. Contudo, pouco a pouco, com a adaptação das crianças a comprovada melhoria no ensino, passaram a aceitar o novo modelo e compreender os seus objetivos.

O que fica evidente é a perda cultural e do ponto de referência da comunidade com o fechamento da escola, perda essa que poderá ser minimizada mas nunca substituída, principalmente para os que conviveram com a escola multisseriada.

Durante os muitos anos de escola multisseriada, o professor tornou-se uma das pessoas mais respeitadas pela comunidade: era ele quem comandava as homenagens e respondia pela parte intelectual; muitas vezes era catequista, carteiro, orientador. Enfim, tudo o que acontecia na comunidade, de uma forma ou de outra, tinha liga-

ção com a escola, mais precisamente com a pessoa do professor.

Conforme depoimentos de pais, o professor desempenhava várias tarefas, além de seu ofício:

“Eu via o professor como um pai de família, como um pai da própria família, porque ele se envolvia nas tarefas da própria comunidade, não simplesmente só com os trabalhos da escola, mas enfim horta escolar, envolvia praticamente comunidade como um todo”. (Pai)

O reconhecimento pelo trabalho do professor é evidente, neste depoimento:

“Houve professores que passaram pela escola, que foram excelentes tanto na aula como em outras atividades, como a participação na Igreja, no esporte. Em todas as atividades da comunidade, estavam sempre presentes”. (Pai)

Esse sentimento era percebido pelos professores que trabalhavam na comunidade, como mostra a fala a seguir:

“Eu me sentia importante, a comunidade sempre me respeitou, incentivaram, ajudaram, sempre que procuramos a comunidade sempre ajudou, nunca nos negou nada. Quando tinham a homenagem dia dos pais, das mães a algum feriado dependia da escola, então dependendo do que escola organizasse, a comunidade pensaria no restante da programa-

ção, mas nessas festividades tudo dependia da escola, que era o centro da comunidade, tudo girava em torno da escola, porque lá tinha seus filhos, os pais participavam e gente era valorizada por isso, pois era tudo da comunidade deles”. (Professor)

Geralmente o professor era da comunidade, o que facilitava a sua participação nas atividades comunitárias e a sua interação com as pessoas nelas envolvidas.

“Quanto ao professor, ele participava bastante dos serviços comunitários. Com relação aos professores, quando estava aqui o contato era mais direto, constantemente eu ia à escola, pois era pertinho. A professora era do lugar e participava de todas as atividades da comunidade, atualmente eu vou à escola somente para matrícula e alguma atividade extra”. (Pai)

O trabalho nas escolas multisseriadas exigia muita dedicação do professor, que, mesmo com um número reduzido de alunos, necessitava de um plano de aula para cada série. Outras atividades também eram realizadas em companhia dos alunos e, muitas vezes, dos próprios pais:

“Trabalhar com escola multisseriada, escola do interior era bom, porque os alunos se conheciam, eram alunos só da comunidade onde eles moravam. Trabalhar era bom porque tinha poucos alunos, mas preparar aulas, ex-

plicar o assunto já era mais difícil, porque atrapalhava às vezes uma turma com a outra. A horta era feita com as crianças, até às vezes, como tinha poucas crianças, os pais tinham que ajudar. A parte da secretaria também, os papéis da escola e documentos, a limpeza também da escola, essas eram as atividades, além de trabalhar com os alunos”. (Professor)

A amizade e a convivência eram marcas fundamentais da escola multisseriada, tanto do professor com os alunos, quanto com os pais, fazendo com que ele se sentisse bem e desempenhasse sua função com mais afinco. Quem sabe não está aí o segredo do sucesso do professor da escola multisseriada, o qual, após ter desempenhado suas funções na comunidade, é sempre lá muito bem recebido e lembrado como o professor da comunidade!

“A gente era bem visto pela comunidade, muito bem visto até hoje ainda. Com a nucleação eu já abandonei um pouco a comunidade, os alunos, acredito que também. Pelo que estou percebendo, não há grande diferença; a maior é a amizade, a união, o coleguismo, muito mais oportunidades”. (Professor)

A qualidade do ensino nas escolas multisseriadas, sem sombra de dúvidas, correspondeu ao seu objetivo de ensinar a ler, escrever e capacitar o aluno para realizar as quatro ope-

rações. Por mais de cem anos esse modelo de ensino obteve êxito, servindo a milhares de alunos que passaram pelas escolas multisseriadas, os quais fizeram e fazem parte da parcela culta da população. É bem verdade que a maioria desses alunos só cursou o primário, continuando depois na agricultura, seguindo os passos da família, que naquele momento valorizava mais o trabalho braçal do que o estudo, que era visto como algo distante e pretensioso para filhos de agricultores.

Toda a transformação que ocorre na educação visa à busca da qualidade do ensino; embora existam várias formas de ensinar, o objetivo é sempre o mesmo: a qualidade. Pensando assim é que muitos pais aceitaram o Programa de Nucleação:

“O pensamento dos pais é sempre que os filhos aprendam cada vez mais, em um lugar melhor. Por isso acabamos aceitando”.
(Pai)

No entanto, alguns professores ainda destacam aspectos positivos da escola multisseriada. Depoimentos 1, 2 e 3:

1) *“Quanto ao rendimento dos alunos, não vejo grande diferença, embora tenha um atendimento mais individual, a gente pode trabalhar mais conteúdos. Mas não deixávamos de fazer isso também na multisseriada, pois lá trabalhávamos muitos conteúdos e sempre no coletivo”.* (Professor)

2) *“Eu acho que não melhorou*

tanto, porque há mais alunos atualmente nas salas, e as diferenças individuais também são bastante, e eles não têm mais aquela amizade que eles tinham lá na escolinha deles. Então eles levavam mais a sério, eles se ajudavam mais na aprendizagem, hoje é mais individual não tem aquele coleguinha”. (Professor)

3) “Um ponto positivo é que as crianças eram unidas e se conheciam bem, o professor trabalhava da maneira dele, do jeito que ele queria; não tinha quem mandava, se ele fica numa escola nucleada tem que trabalhar coletivo”. (Professor)

Há, ainda, os que não sabem qual é o modelo mais proveitoso:

“Na escola multisseriada era um pouco mais complicado para os alunos, porque eram todas as turmas ao mesmo tempo. A primeira série exigia mais atenção e aí os outros ficavam um pouco sozinhos, e aí tinha que ir equilibrando, administrando as quatro turmas ao mesmo tempo, para que o trabalho desse certo. Isso é o que mais dificultava. Depois, quando viemos para a escola núcleo, com as turmas separadas, não sei se dá para dizer se foi realmente melhor, mas como eu fiquei com a primeira, eu posso agora dar toda atenção para a primeira série o tempo inteiro. Porém o convívio das quatro turmas juntas, como era antes, eu achava pro-

veitoso, porque os alunos das séries anteriores acompanhavam os que já estavam mais adiantados e assim por diante; e, portanto, aprendiam mais”. (Professor)

É mais importante ressaltar que a grande maioria dos professores destaca a qualidade do ensino conseguido nas escolas nucleadas, com ênfase maior para as interações, a infraestrutura e o ensino unisseriado.

“Na escola em que eu trabalhei existiam quatro séries, e o trabalho em cada turma era um tanto difícil, por vezes as turmas eram pequenas, tendo um ou dois alunos por turma. Então às vezes dificultava os trabalhos em grupo e até no grupo em geral. Comparando hoje com a escola núcleo, que tem um professor por série e o trabalho é bem mais facilitado, ele facilita mais por ter um número maior de alunos. Aí a gente pode trabalhar mais em grupo, até a troca de experiências das próprias crianças, e as diversas comunidades auxiliam muito. A estrutura da escola é bem melhor, temos biblioteca, o espaço para as crianças brincar, uma professora só para a educação física, e isso facilita muito para um bom desempenho e bom andamento escolar. Acredito que o rendimento é bem maior agora, até pela questão da troca de idéias, onde a gente pode ter um diálogo maior entre os alunos, pois sendo o grupo maior facilita muito mais

o trabalho que a gente faz em sala de aula". (Professor)

Um ponto determinante da qualidade do ensino é, sem dúvida, a passagem das classes multisseriadas para classes unisseriadas, o que facilita a vida do professor e oferece ao aluno maior contato com o professor.

"A multisseriada foi uma experiência muito boa, pois pude crescer muito, tive dificuldades para me adaptar em trabalhar com as quatro turmas, mas é uma experiência válida que a gente leva para vida, e vai sempre melhorando as coisas. Agora, vendo aqui, com uma turma só, que eles podem se expressar melhor, a gente pode dar mais atenção, o trabalho flui melhor, dá para fazer um trabalho diferenciado com eles". (Professor)

Tal posicionamento é reforçado por este outro depoimento:

"Comparando o trabalho, agora na escola nucleada ele é muito melhor, porque só trabalho com uma série, com uma turma, enquanto lá eu trabalhava com as quatro turmas e o trabalho se tornava mais difícil, e o rendimento era menor". (Professor)

Outro ponto que merece destaque é o relacionado aos afazeres que, na escola nucleada restringem-se àquilo que constitui função específica do professor.

"Trabalhar na escola núcleo é muito melhor, pois na escola multisseriada havia muito traba-

lho; aqui eu trabalho só com os alunos e aí eles rendem muito mais do que antes". (Professor)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É oportuno retomar algumas considerações, tecidas ao longo do trabalho, para melhor configurar o programa de nucleação. Uma delas diz respeito ao transporte escolar, que ainda causa transtornos à administração municipal. A maioria dos pais está satisfeita com o transporte, pois o ônibus passa próximo, deixando seus filhos a alguns metros de suas casas; porém alguns reclamam por seus filhos terem que sair cedo e chegarem muito tarde:

"Os problemas são no meio de transporte, nos horários que eles têm que cumprir, sair bem cedo de casa e chegar tarde, nem almoçam direito, não fazem as refeições como precisavam, chegam em casa cansados, a gente fica preocupado". (Pai)

Muito se pensou e muitas mudanças já foram feitas, mas ainda não se conseguiu agradar a todos.

Um aspecto que merece ser destacado é aquele pertinente à orientação pedagógica, pois quando o professor se encontrava numa escola multisseriada, a troca de idéias com outros profissionais e mesmo com a orientação pedagógica pouco acontecia. Já na escola núcleo o convívio com outros professores propicia mais

interações entre os profissionais, fazendo com que as aulas tenham mais qualidade, sejam mais diversificadas, refletindo-se isso no bom desempenho dos alunos e na melhoria do ensino.

“A questão da orientação pedagógica, eles faziam uma visita a duas por ano, porém no momento em que a gente precisasse delas, estavam sempre presentes. Agora que está numa escola maior, que tem um grupo de professores, você troca idéias com os próprios professores. Facilita nessa parte, nas sugestões e troca de idéias”. (Professor)

A nucleação no Município de Seara contemplou, ainda, o meio rural, favorecendo inclusive os adultos:

“A nucleação feita no meio rural favoreceu o nível de escolarização do município. Está sendo utilizado o prédio para a educação de jovens e adultos no período noturno. Inclusive os pais e alunos reivindicam agora o 2º grau na escola núcleo”. (Professor)

Ao desenvolver o trabalho de pesquisa, foi possível compreender muitas questões e sanar dúvidas, embora algumas só venham a ser respondidas através do tempo e diante de mais resultados.

O que ficou perceptível foi a capacidade de envolvimento e adaptação dos pais e alunos ao novo programa, superando a resistência inicial e a dúvida quanto aos benefícios. Passados dois anos, a resistência é

mínima por parte dos pais e professores, e não há resistência alguma por parte dos alunos: 100% estão adaptados e nem pensam em voltar às classes multisseriadas. Fica evidente, assim, a consistência das escolas-núcleo. Alguns itens ainda devem ser ajustados, como o transporte escolar, adequação de prédios que comportem a demanda de alunos, a formação continuada dos profissionais, assim como a nostalgia existente nas comunidades pelo desaparecimento da escola, principalmente por parte dos mais idosos. Acreditamos que um programa de descentralização da escola-núcleo, com projetos e algumas atividades especiais (como homenagens às mães e aos pais, em seus respectivos dias; festa junina; comemorações cívicas, entre outras), poderia amenizar essa carência. Porém, é evidente que para estas pessoas nada substituirá por completo o vazio deixado pelas antigas escolas. Nesse sentido, fizemos uma experiência na escola que dirigimos, deslocando atividades (festa junina de 2002) para uma localidade onde existia uma escola multisseriada, com a presença de alunos, professores e pais de outras comunidades, obtendo ótima aceitação.

Com a escola nucleada houve, ainda, outros pontos positivos: consolidação e ampliação da educação infantil no interior do município: antes instável, essa modalidade de ensino agora é uma realidade; aprimoramento pedagógico do currículo escolar, corpo docente, novas metodolo-

gias, implantação de projetos especiais; crescimento do grau de socialização de alunos, famílias e professores; ruptura do isolamento; racionalização na utilização dos recursos destinados à educação, como o uso de prédios escolares, equipamentos didáticos; utilização do novo prédio para a educação de jovens e adultos; infra-estrutura de qualidade, inclusive com a existência, em alguns núcleos, de salas de informática educacional.

Por fim, conseguiu-se uma expressiva melhoria na qualidade do ensino, com a elevação dos índices de aprovação, a diminuição da evasão para índices próximos de zero.

Não há como duvidar do sucesso do novo programa, mas também não se pode esquecer toda a trajetória da escola multisseriada, que foi a grande formadora da população rural, por onde passaram pessoas que hoje se destacam em suas profissões. A escola multisseriada, enquanto “filha de seu tempo”, produziu os frutos possíveis. Agora é a vez da escola nucleada produzir os seus, dentro do novo contexto histórico da sociedade catarinense.

REFERÊNCIAS

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público**: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano. 2. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 1991.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Mediação pedagógica em sala de aula**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

KREUTZ, Lucio. **O professor paroquial magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1991.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da educação no Brasil**: de pombal a passarinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1997.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 6. ed. São Paulo: Moraes, 1986.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTA CATARINA. Secretaria de Educação. **Plano plurianual de educação**. Seara, 2001.

SANTA CATARINA. Secretaria Estadual de Educação. **Proposta curricular**. Florianópolis, 1998.

TOBIAS, José Antonio. **História da educação brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Juriscredi. 19[].